



JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

○ programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.



MODAS.



Maio! Oh! neste mez era o Rio de Janeiro um mimoso e elegante jardim de centenas de lindas e odoríferas flores desabrochando ao tepido calor dos resplandecentes salões fluminenses, inquietas balançando-se ao sopro de perfumada aragem, erguendo-se viçosas ao som dos hymnos das *palmeiras accordes*. Os *Leons*, os *Dendys*, os elegantes em pezo, corrião, voavão presurosos, e á porfia delicados e attentos, admiravão a belleza, adoravão os encantos, aspiravão o perfume das flores, e no seu aroma embriagador encontravão o delirio de uma alegria fabulosa e inexplicavel. A vida e o movimento dos salões era então a florida coróa do florente Maio.

Mas isto era o anno passado.

Hoje! ainda não sei o que determinão os vice-reis dos salões: parece que dormem o somno regio sobre os coxins da indiferença, e... Chiton! Não despertemo-los que podem acordar de máo humor; e com gente de máo humor eu nunca de-sejarei estar.

Mas estou triste, estou aborrecida desta apa-

thia em que vivemos; estou quasi convidando-vos, querida leitora, para concitarmos um movimento contra os Salões. Esta inação é insupportavel.

E se soubesseis o que de lindo elegante, rico, distincto, fabuloso, está por ora guardado nos gavetões das nossas primeiras modistas... Vêde os nossos figurinos, avaliai por elles que magnificos estofos, que deliciosos enfeites, não devem ser os que a ultima moda criou sobre a vificadoura influencia da primeira estação do novo imperio.

A Estampa que vos damos hoje é mais uma das que está no mesmo caso; ainda outras muitas temos de vos apresentar, antes de poderdes fixar sobre ellas a vossa definitiva escolha, todas de figurinos de baile, *soirées*, theatro, que são as que devemos receber de Pariz em quanto durar a apropriada estação destes divertimentos, que o mundo elegante não dispensa em tal caso.

Já que não posso dar-vos noticia do Cassino, vou occupar-me em descrever a Estampa.

DESCRIÇÃO DA ESTANDA.

TOILETTES DE BAILE.

PRIMEIRO. — Vestido de escomilha branca, de tres saias sobrepostas, cada uma dellas guarnecida de uma grinalda de folhagem bordada de ouro.

Corpo a *la grecque*, ornado com guarnição de trança de ouro, e mui decotado, deixando apparecer a orla do fôrro simulando uma camisinha, que lhe resguarda o decôte e dá-lhe ao mesmo tempo muita graça.

Mangas mui curtas, de dous babados, enfeitadas de trança de ouro em filetes para acompanhar o risco da grega que enfeita o corpo.

O penteado é composto de bandões ondeados e uma grinalda de *volubilleses* de veludo, isto é, flores de veludo côr de rosa e pequenos atavios de ouro que se desprendem de toda a grinalda, em desalinho, mas com immensa graciosidade.

Luvas de pellica côr de canna com uma ordem de pulseiras e braceletes differentes.

Leque da India e lenço de *guipure*.

SEGUNDO. — Vestido de veludo verde *épinglé*, guarnecido em erval com fitas de setim rematando em rosetas e laçadas volantes.

Corpo de bico redondo, ornado de uma bertha à Luiz XV, de setim com laços de fita de pontas soltas. Estes laços estão precisamente entre os fôfos e a cava da manga, que é mui curta, de maneira que ficam pendendo de todo sobre os braços.

Penteado de *blonde guipure*, de ouro e plumas. É este o penteado a *Jeanne Gray*; é um adorno lindissimo para as senhoras casadas.

Luvas de punho, e uma só pulseira em cada braço. Leque, lenço de ponta inglez, e ramallete de flores guarnecido de folhagem verde

Catete, 7 de Maio.

Christina.

DOUS AMORES.

Quanto é doce ser amado!

Ah! todos dizem isto, e todos pensão assim, entretanto, se cada um estivesse de boa fé com si mesmo confessaria, que todas as inquietações, todas as desordens, todos as lagrimas, todas as agonias, todos os remorsos da vida vem desta felicidade tão grata.

Inspirar um amor sincero, puro, nobre, terno e exclusivamente dedicado é o sonho favorito, a ideal felicidade de uma alma casta e generosa. Ninguem principia a viver se não desde o dia em que é amado; é somente deste bello-dia, que devem datar as lembranças; é para ser amado, que se procura a gloria, se aspira à fortuna, e se deseja a belleza.

Ser amado é ser comprehendido, é ser abençoado, é ser consolado, é ser feliz; é marchar com uma guia protectora nas veredas perigosas deste mundo, guia encantadora, que aparta para longe de nós os perigos, nos ajuda a transpor os rios, e subir os montes; que sabe achar um abrigo durante a tempestade, um asylo durante o repouso; ser amado é ter um conselheiro cheio de prudencia, que conhece nossas qualidades, e sabe fazel-as valer; um juiz interessado, severo por orgulho, mas indulgente por ternura, que sonha para nós a perfeição, e que nos ama por causa de nossas faltas; é ter um amigo a quem se ousa tudo dizer porque tudo se lhe deixa advinhar; finalmente ser amado é viver de confiança, de affeição, de delicias; é ter achado a felicidade!...

Mentira!... É tel-a perdido para sempre! Ser amado... é ser amaldiçoado, é ser votado á dôr sem remedio! Logo que alguem é amado, a desgraça e a morte o contemplão, e obrigão-no a escolher entre uma e outra; estas divindades invejosas velão incessantemente em sua porta; escutão seus pensa-

mentos, e conservão todos os nomes queridos, que vezes commovidas tem pronunciado... e é preciso que elle escolha a seu pezar entre um amor fatal e desesperado, que o deixará viver, e um amor sublime, e riligiosamente partilhado, que o matará.

Um amor nobre e puro inspira mais inveja, que todas as honras, todas as riquezas e todos os poderes da terra... Ser amado é de todos os successos aquelle que menos se perdôa. O verdadeiro amor attrahe as tempestades do mundo como os altos rochedos attrahem as tempestades do Céu. Dous seres, que se amão, são dous patrias, mas dous patrias invejados:

A sociedade se liga contra elles. As mulheres, os homens, apontando, dizem com raiva: *elles se amão!* isto é, elles nos desprezão, e nada mais somos para elles! Elles se amão... isto é, paixão por diante de nós sem nos ver; desprezão esses riquezas que temos adquirido com tanto trabalho, não desejão esses titulos pomposos pelos quaes temos sacrificado nosso coração e nossa mocidade; elles tem um orgulho mais elevado do que o nosso, possuem um thesouro mais precioso que os nossos, tem seu amor. Só conhecem nossos defeitos, e riem-se ao mesmo tempo delles. Esta fidelidade é um ultrage, estes dous seres que de ninguem precisam, que vivem isolados na multidão, são rebeldes, que convêm punir, e a sociedade toda está de intelligencia para fazer justiça à sua insolente felicidade.

Então uma conjuração tacita se organisa contra elles no mundo. Surdos ruidos annuncião, que o solo tremerá em poucos tempos debaixo de seus passos. Elles segurão-se pela mão, observão-se com confiança, e cada um ao mesmo tempo diz reciprocamente ao outro: Eu não te deixarei!

Mas logo os inimigos e as inimigas cahem sobre

elles de todas as partes, aquelles com ultrages, estas com doces e perfidas palavras. Um homem amado parece sempre tão encantador! Que mulher ha bastante generosa para desdenhar a conquista de um homem; que, ella sabe ser apaixonadamente amado?

E que homem, que parente mesmo ha bastante generoso para não amaldiçoar diante de uma mulher aquelle a quem ella ama, ainda mesmo que ella ame-o legitimamente? E a luta se empenha terrivel, e a felicidade é para sempre destruida. E se por acaso o amor resiste a tanto furor, se elle é de tal maneira dedicado e exclusivo que nada pôde alteral-o, então é o destino que vem perseguil-o com seus golpes: os mais cruéis reveses atormentão-no, o desterro, a ruina, o dever fatal, separão-no violentamente... Esmil se o amor corajo-o zomba ainda de taes golpes, se affronta o exilio e a ruina, se arrota tudo até o dever, se a chamma do coração é de tal sorte ardente, que nada pôde extinguil-a, é a morte a invejosa morte, que se encarrega do suffocal-o.

O amor não pôde viver senão pelo soffrimento; elle cessa com a felicidade, porque o amor feliz é a perfeição dos mais bellos sonhos, e toda a cousa perfeita ou aperfeiçoada, toca ao seu fim. Oh! o amor tem o instinto de sua duração; sabe que deve alimentar-se de tormentos, e é engenhoso em criar incessantemente novos alimentos; sabe que os tormentos são os garantes de sua duração, e inventa mil afflictões afim de viver por mais tempo; sabe que aos olhos do destino suas alegrias sublimes são privilegios injustos, e se apressa em espial-as pelos supplicios que impõe a si afim de obter o perdão; inflinge a si tormentos artificiaes, que escolhe para apartar as desgraças reaes que teme: faz-se cioso sem motivo com medo de sê-lo com justiça, inquietta-se loucamente diante de perigos imaginarios para afastar o terrivel momento de um perigo real, aprez-se em fazer correr lagrimas inúteis, que podia suspender com uma só palavra, para exhaurir as lagrimas amargas da ausencia e do abandono. Ah! muitas vezes elle chega até attrahir o seu amor para salvá-lo, profanando-o.

Eis aqui portanto a verdade: é o contrario do que se imagina.

Ser amado!... é viver de tormentos, é errar em um deserto sem fim tendo um cego por guia, é tremer a cada passo, é tremer pelo que se ama, é ter um juiz malevolo e fraco, cujos conselhos interessados nos perdem, que não conhece nem os seus defeitos nem os nossos, e que censura todas as nossas boas qualidades, porque são estas que fazem-no soffrer; ser amado é ter um inimigo perfido, que tem o segredo de nossa fraqueza, que expôa como crimes todas as nossas mais nobres acções, e que em seu odio fingido apresenta nossas confidencias, e nossas confissões como armas contra nós; é ter por alliado um traidor, um adversario implacavel, que luta secretamente sem cessar contra nós, espreitando todos os nossos pensamentos; é installar em sua casa a mais terrivel de todas as espionagens, a do escravo rebelde.

Ser amado é viver de abnegação e de desconfiança. Para o homem é renunciar a fortuna a to-

das as affeições de familia, a todas as docuras do lar, a todos os successos, a todas as glorias, algumas vezes até é deixar-se deshonrar. Para a mulher ser amada ou a menos consentir em ser amada é mentir em todas as horas, é perder o repouso, a alegria, a razão e o espirito.

Oh! nos primeiros dias sem duvida o orgulho é lisonjeado, o coração é tocado, e a mulher amada parece mais bella, ella tem mais confiança em seu poder, mas logo esta confiança se dissipa, porque o inimigo não cuida senão em destruil-a. Pouco a pouco elle se apodera de todas as idéas, absorve todos os sentimentos, ataca todo o passado, afugenta e expelle todas as lembranças, e se estabelece como senhor em nossa alma, e tanto mais se conhece dominado, quanto mais se torna absoluto. Uma hostilidade orgulhosa se empenha entre elle e a mulher querida ou antes excessivamente amada. A guerra se declara involuntariamente; o amor... é a suprema injustiça... uma preferencia é sempre uma injustiça... mas como elle faz pagar tão caro esta preferencia! quantas exprobações, quantos amargores, que rancor inextinguivel, que ciúme minucioso e excitador!... Causa estranha! como se faz isto? Tudo nesta mulher lhe agrada, e entretanto tudo o que faz, tudo o que diz esta mulher lhe desagrada! Tem elle de que queixar-se della? — não. — Então, porque atormenta-a constantemente? — porque ama-a...

Porque razão esta mulher tão espirituosa, tão alegre está agora sempre triste e inquieta? — porque é amada.

Porque pois esta outra jovem, que era tão elegante, tão garrida que prescrevia o uso, que brilhava em todas as festas, está ao presente occulta de baixo de longos véos e de passados estofos, fria e desengraçada para todos? — Porque é amada.

Porque esta mulher, cuja voz é tão bella, e que cantava tão bem, não canta mais? — Porque é amada... e entretanto por sua voz, é que ella foi amada.

Porque esta mulher, que escrevia paginas tão cheias de fogo, e cuja imaginação era tão fertil, não escreve mais nem drama nem romance? — Porque é amada, e o amor, que tem ciúme de seus pensamentos poeticos, não lhe permite nenhuma rivaes chimeras porque tem a pretensão de realizar todos os seus sonhos, e é invejoso de todas as suas criações.

Consentir em ser amada é abdicar, é perder o seu livre arbitrio, é anniquilar a sua individualidade.

« O amor embelleza a vida; quando se ama, o Céu parece mais bello, a onda tem mais belleza, o sol mais esplendor, os passaros mais doce gorgoeio. »

Onde acharão os poetas isto? Pelo contrario quando se ama, não se vê senão o objecto amado; se elle não está presente, nada se vê, nada se ouve, sente-se, e espera-se; se está presente, sómente se vê elle, e pensa-se nelle, pouco importa então que o Céu esteja puro, que a onda esteja clara, e que os passaros cantem bem.

Não é, pelo contrario, o amor que vem, sómente elle, consumir todos os outros prazeres? Credes;

vós por exemplo, que dous entes, que se amão, no dia em que estão descontentes um do outro... e tanto mais se ama, quanto ha mais facilidade em descontentar-se... sejam mui sensiveis ás bellezas de um sitio agradável e campestre? Credes vós que o mais apaixonado dilettante escuta com o mesmo delirio a sua aria favorita, quando um pensamento inquieto o preoccupa? Credes vós finalmente que uma mulher se recréa com uma conversação espirituosa, quando aquelle, a quem ama, não toma parte nella? Ha por ventura alguma admiração, que o amor permita? um outro amor, que elle deixe mesmo vegetar junto de si? O amor divino, o amor filial, o amor maternal, o amor do paiz, o amor das artes, o amor da natureza, destróe tudo... torna tudo solitario. Logo ser amado é ser isolado, despojado, desapropriado, espoliado... É perder em um dia as suas affeições, os seus talentos, o seu valor, a sua personalidade, a sua vontade, o seu passado e o seu futuro, em uma palavra, tudo!...

Eis aqui como uma bella existencia pôde ser abatida por um amor. Que será pois se ella fór victima de Dous Amores?

Extr.

Viscondessa de...



POESIAS.

DORME.

A ***

Dorme anjo do Céu, dorme o teu sono
Nos braços da innocencia acaalentado,
Como a flôr que pendida e debruçada
Sobre a corrente meiga
Pallida adormece.

Repousa, ó virgem, pudibunda e bella,
Ao som da musica suave da palmeira
Tangida pela brisa da floresta
Aonde rumoreja
Um hymno de saudade.

Dorme, pura vestal, ao som do canto
Das aves, que voando vão no espaço
Em busca da floresta, onde os filhinhos
Repouso como tu
No sono da innocencia.

Dorme, anjo de paz, dorme na terra,
Em quanto lá no Céu tu alma para
Folga, brinca e sorri, e mal despertes.
Os gozos que fruiste
Te deixem mil saudades.

Dorme, anjo do Céu, e nem os hymnos
D'um triste trovador, sem nome, errante,
Te possa despertar do sono brando
Em que doce repousas
Os membros vaporosos.

Repousa, anjo de paz, em quanto a brisa
Bafeja a fronte e brinca em teus cabellos,
Em quanto eu triste te contemplo mudo,
E saudoso me retiro
De te haver contemplado....!

Angra, Dezembro 1881.

Salomon.

Esta dôr que me atormenta,
Vai levar-me á sepultura!

Era horrida a tormenta!
Eu nasci... bronze a desdém,
Tangeu... e nasceu tambem,
Esta dôr que me atormenta!
Assim da vida cruenta!
Sem gosar a formosura!
Sem dizer-me uma vez pura:
— Eu vos amo!... ah! sê feliz!...
Nunca ouvi... fado infeliz!
Vai levar-me á sepultura!

Vem oh! morte violenta,
Pesada vida ceifar-me!
Faze á campã acompanhar-me,
Esta dôr que me atormenta!
Ali! do fado a tormenta!
Me arroja... e a sorte dura!
Um gemido de ternura,
Me nega... murcha-se a flôr...
Nem um suspiro de amor!
Vai levar-me á sepultura!

1.º Tenente A. F. d'Araujo Silva.
Na ultima viagem que fez.



AMOR MATERNO.

FACTO PASSADO EM LONDRES.

Cada vez que lemos estas palavras da santa escriptura, estas palavras que em sua singeleza revelão os mais reconditos arcanos do coração materno, os mais pungentes segredos da dôr, cahe-nos o livro das mãos, e absortos parecê-nos ter ante os olhos essa mãe sublime, que não quiz ser consolada porque elles, seus filhos, já não existem! Oh! qual o poeta, qual o autor profano capaz, de, com tão pouco esforço, com tão poucas palavras e tanta verdade, communicar-nos tão profundas sensações!

Livro sagrado, quando para provar-nos que não és obra de homens, que és filho da inspiração, faltassem argumentos, bastaria teu estilo para convencer os mais incredulos, bastaria tua poesia e tua eloquencia!



LE MONITEUR DE LA MODE.

*Couffure Jeanne Gray d'Alexandrie. Couffure en fleurs de la. H. woven. Batten.
 Etoile de Nathalie. Corset de M^{me} Hippolyte 23 de la Rue. Les papiers de Legend. 34.
 et Monier. Bijoux en Cheveux de Remonier et C^{ie} 21 de la rue. L'Imprimerie des Villes de France*

Paris, Rue Richelieu, 22.

LONDON at the Monitor Office ST. PETERSBOURG F. Belland 41st NEW-YORK E. B. Strong & Brother



Mas aonde nos leva a penna? não é o elogio da biblia, não são bellas frases sobre o amor materno que intentamos escrever; queremos, leitora benevola, contar-vos uma historia, que achamos em um livreto que nos veio ás mãos. Traduziremos, que nada ha de melhor, porque nada ha que dê menos trabalho: traduziremos, mas com a liberdade de que usamos, iremos cortando no original o que nos parecer inutil, desenvolvendo o que julgarmos carecer de desenvolvimento, alterando o que acharmos, que para ser mais facilmente entendido deve ser alterado. É a historia de Rog, a historia de um cão, que vamos contar: ouvi-nos.

Na cidade de Londres, em uma casa de Euston-Square, morava uma familia abastada: tudo no seu interior annunciava a independencia de fortuna filha da liberdade e do commercio, nada faltava, nada havia de inutil, verdadeiro justo-meio entre o fausto da nobreza e a miseria do povo. — Virtude do protestantismo: o acio reinava em toda a parte: ás nove horas todas as camas estavam feitas, toda a casa varrida e limpa, todos os moveis sacudidos: era o silencio de um templo methodista e o acio de um escriptorio hollandéz.

Era a morada de Mss. Philipps, filha de um opulento mercador de ferragens, que tendo em seu negocio agenciado grande fortuna, achou que devia com ella dourar o brazão de algum nobre faminto dando-lhe a mão de sua filha. Mas o mercador não foi tão nescio, que não soubesse assegurar o futuro da filha, e por isso no contracto de casamento estipulou, que ella conservaria inteira a propriedade, administração e uso-fructo dos bens que lhe dava, ou que por sua morte viesse a herdar. Prudente foi esta determinação, porque o lord era um debochado e perdulario que dava muito má vida á sua mulher. Elle tinha sido desterrado de Londres, e de seu desterro só se lembrava de escrever-lhe para pedir-lhe dinheiro, para ameaçal-a e para desejar-lhe a morte, afim de poder, tutor de sua filha, entrar na administração e gozo de sua fortuna, e esbanjal-a.

Mss. Philipps tinha, como já annunciámos, uma filha, era a pequena Lucy, menina encantadora, como o são todas as meninas na Inglaterra. Na época em que vos representamos esta familia, Lucy tinha quatro annos, e nada havia mais engraçado, mais lindo, mais côr de rosa do que a pequena Lucy. E por isso era ella o objecto unico dos pensares, dos desvelos de sua mãe e juntamente de Sarah, criada da casa, já meia madura, que havia carregado com o maior peso de sua criação. Mil vezes ambas se encontravão alta noite ao pé do berço de Lucy: vi-nhão vêr se Lucy estava bem coberta, se Lucy estava sosegada, se a luz da lampada não lhe dava nos olhos. Mas tudo isto erão pretextos; o que as levava ao pé do berço era o desejo de respirar o halito de Lucy, de beijar-lhe a angelica boca e de contemplar absortas as graças da linda menina.

Mas o medico lhes havia á ambas prohibido essas imprudencias, que ambas erão doentias e podião assim comprometter sua saúde: um reumatismo agudo atacava a Sarah, e Mss. Philipps era valentudinaria, depois de seu parto-ia-diariamente clanguecendo.

Quando se encontravão as duas mãis, era uma graça:

— Que vindes fazer aqui, senhora, e vossa languidez!

— Que vindes fazer aqui, Sarah, e vosso reumatismo!

— Eu ouvi a menina chorar, senhora.

— É mentira, Sarah; ha mais de duas horas que estou acordada.

— Ah! senhora, tanto tempo acordada, e o medico e vossa saúde!

— Olha Sarah! olha para Lucy; vêde como dorme! como está sorrindo!

E ambas emmudecião contemplando, adorando sua filha.

Sim que os meninos quando dormem, são anjos, sóbem aos céos — e se nos não dizem o que lá vêm, é porque o esquecem.

Mas quem era este medico, a cujas ordens tanto obedecião as duas mãis? Consinta o leitor que com elle gastemos algumas palavras.

Chamavão-no o doutor Yong, havia sido o medico de Mss. Philipps, quando solteira, e medico de sua mãe tambem, por isso tinha n'aquella familia uma autoridade de avô. Confidente das enfermidades do corpo, tinha alcançado sem indiscrição, pelo ascendente unico de sua posição, a confidencia das enfermidades da alma. Amigo de toda a familia, tinha aconselhado o casamento de Mss. Philipps e o bom emprego de sua fortuna, e agora que a mã conducta e o abandono de seu marido a fazião desgraçada, condemnava-se com a devoção de um bom pai a reparar o erro com que sua imprudencia havia carregado o futuro de sua filha. E quando as forças de sua protegida cedião ao peso dos desgostos, quando a irritação moral, influindo no sangue se transtornava em languidez febril, depois de ter combatido a tristeza com palavras consoladoras, combatia a enfermidade com as armas da sciencia. Apontando-lhe Lucy tão fecunda em graças e belleza, obtinha que um sorriso de esperança animasse as macilentas faces e os labios descolorados de Mss. Philipps; e assim por meio da mãe salvava a mulher, como ás vezes curava-se um membro doente tratando de outro membro.

Por inconcebivel facultade de sua nobre profissão o doutor Yong exercia em vinte diversas familias essa doce paternidade da sciencia, sem nunca se esgotarem seus recursos de afeição e bondade.

Avaliais bem o sacrificio deste homem que enquanto pensais em vossa fortuna, em vossos prazeres, pensa elle em vossa vida que lhe levaes toda dilacerada, pela luta do mundo e das paixões? — Para vós a alegria — para elle não. Uma operação dolorosa precedeu seu jantar, outra o espera quando acorda, e sua mão não deve tremer. Enquanto vos rides, elle pensa; enquanto dançais ao som de mil instrumentos, ao clarão de mil bugias, elle recebe em seus braços a joven esposa na hora dolorosa do parto; passa a noite em pé junto della; acompanha suas dôres animando-a com o futuro da maternidade. Eil-a mãe; elle se retira sem duvida para descansar: não; á porta o espera uma carruagem; é-lhe preciso ir vêr um velho que a apoplexia acommetteu. Acaba-de-dar vida a uma criança: vai arrancar á morte um velho! Sua existencia, eil a ahí, é um combate continuo com a destruição; é o espectáculo da humanidade em perigo, pallida e agonisante.

E quando o menino nasceu, quando o velho voltou à existência, dão-lhe alguns vintens á esse anjo da resurreição, e dizem — paguei-lhe seu tempo.

E o medico recebe esses vintens, e não tem direito de queixar-se da ingratidão! Eis o que era o doutor Yong.

Temos percorrido todas as personagens do drama... ah! faltava-nos falar do principal, de Rog. Este Rog era um cachorro da mais fca raça que se pôde imaginar, seu pello era de uma cor suja, suas orelhas disformes e sempre em má direcção: quando uma se levantava abaixava-se a outra; signal phrenologico dos cães ladrões. Apesar porém da sua fealdade, apesar dos seus olhos apagados, apesar de tudo, Rog era engraçado, porque Rog era moço e tudo o que é moço agrada. Rog era o companheiro inseparavel da pequena Lucy, que juntos brincavam, que juntos rolavam pelo chão, que juntos dormião abraçados; o unico enfeite do cão era uma lúcida colleira de latão com este letreiro — Rog pertence á pequena condessa Lucy.

Um dia... Mss. Philipps que se sentia ir abateendo; havia nas vespersas com seu amigo doutor dado providencias, para que a fortuna, que, por sua morte tinha de pertencer á Lucy, fosse posta em boa guarda e escapasse á administração de seu marido, tutor natural della, mas que necessariamente a esbanjaria. Um dia a porta da casa de Euston-Square estava escancarada e as janellas tambem: cousa sem exemplo nesta morada da ordem e do socego.

Mss. Philipps interrogava a Sarah, precipitando ambas, gestos e palavras.

— Examinaste tudo, tudo? Sarah! Não me atemorises com esse ar espantado.

— Examinei tudo, senhora, tudo.

— E o jardim?

— E o jardim, o pateo, por traz das portas, dentro dos armarios.

— Sabeis que ella brincava em baixo da cama...

— Por baixo da cama tambem, senhora.

— E nas aguas furtadas?

— A menina nunca lá subia.

— Vai, vai vê: hade estar nas aguas furtadas.

Sarah já tinha subido, e de lá gritava — não está! senhora.

— Vêde nos telhados.

— Não está! senhora.

— É que não sabeis procurar; desce que eu subo.

A rua estava toda em alvoroço, as janellas abertas, todos uns para os outros perguntavam se tinham visto a pequena Lucy,

Não — era a resposta de todos, resposta que cahia como uma massa de ferro sobre o coração da mãe! Certeza horrivel! Ninguém n'aquelle quartelão sabia da menina, ninguém podia dar informações a seu respeito.

— Mas, Sarah, dá-me tu um conselho... Que fazes ahí com esse ar de consternação! Toma de mim exemplo; vêde; eu não desanimo.

A misera estava livida.

Oh! conselhos não faltavam; uns diziam que fosse á policia para que a policia a procurasse; outros lembravam os inspectores do rio para vê se a tinham achado afogada.

Emfim Mss. Philipps lembrou-se do seu amigo, do doutor Yong.

— Vou ter com elle. Sarah! fica na porta — a minha espera: não te retires d'aquí; pela alma de tua mãe te imploro.

— Ah! senhora!...

— Sim, fica aqui para recebê-la quando a trouxerem, e dá, abre minha secretaria, dá, aqui tens a chave, dez mil guinéos a quem a trazer; mais ainda se mais pedir... tudo se tudo quizer.

E eil-a, a pobre mãe, que corre pelas ruas de Londres em busca da filha e da casa do amigo.

Para recuperar o tempo que sua irresolução lhe fizera perder, enfia ruas e ruas, sem saber onde está, sem se lembrar para onde se dirige; só sabia que perdêra sua filha, só se lembra que a anda procurando.

No meio da bulha, do tumulto, só ouve a voz de Lucy que esmagada pelos pés dos cavallos, pelas rodas das carruagens, grita — amanhã! — e por isso não olha senão para baixo das rodas e dos pés dos cavallos. Chega-se para todos os grupos de meninas que encontra, olha para ellas: são filhas de outras; como que as amaldiçoa.

Sim, que o excesso da desgraça é egoista, tanto quanto o excesso da felicidade o é.

Seus olhos ao longe procurão n'esse mar de homens e de cavallos um vestido branco, um avontal verde, um chapéu cor de rosa: — que descobriu? Eil-a que corre, eil-a que passa por entre dous carrinhos por onde parecia impossivel que passasse o corpo mais delgado, porém as mães quando procurão suas filhas não têm corpo — que descobriu? foi ao longe um chapéu cor de rosa: um chapéu cor de rosa é sua filha — não, uma modista o levava, era alguma encommenda.

Sua filha, sim sua filha hade ser essa cabecinha loura que ao longe avista: Lucy tinha um chapéu: um chapéu? roubáráo-no, perdeu-o; sim, hade ser Lucy.

Exhausta de forças, Ms. Philipps já não pôde mais andar — põe-se a correr.

E a criança ao longe corre tambem: É Lucy, não ha duvida, é Lucy: como corre! ella me está procurando, Lucy, Lucy! Ella não me ouve: estas segos fazem tanta bulha! Lucy! Lucy! não tenho forças para alcançá-la... perdê-la-hei de novo! ah, meu Deus! deixai-me alcançar ainda que logo depois eu morra!

E o peito da misera mãe está arrebetado; dôres horribes a pungem de um lado! Lucy! Lucy! exclama — e a menina para — Que quereis com Lucy, senhora, como sabeis meu nome?

A menina era filha d'outra mulher e chamava-se tambem Lucy.

Neste instante de horrivel decepção, Mss. Philipps desconfiou de Deus, e — que te fiz! exclamou, para ser assim ludibriada!...

Prostrada, semi-morta, achou-se sem saber como, perto de um cemiterio: meninas vestidas de branco estavam juntas e não brincavam: um pensamento serio as preocupava.

— Sois vós, senhora, a mãe da menina afogada, cujo corpo esperamos para acompanhar ao cemiterio?

Mss. Philipps tremou; e com uma voz que aterrorou as suas interlocutoras exclamou:

— Afogada! E desde quando?

— Desde hontem, senhora; vós deveis sabelo porque sois sua mãe.

— Minha filha ainda esta manhá estava viva.

— Então foi esta manhá que morreu vossa filha?

— Morreu! Não, perdeu-se, e eu a estou procurando.

— Não vos lastimeis assim, senhora; perdi me tambem na idade de quatro annos, achárho-me e levárho-me para casa.

— Levárho-te, e viva?...

A menina desatou a rir:

— Sim, que me ensinárho a dizer, chamo-me *Sophia Vernon*, moro em *Keppel Street n. 20*.

— Ah! como foi imprudente! A minha Lucy não sabe como se chama neto onde mora!

A desesperação tem gradações; não mata de uma vez: se o fizesse, seria um mal! Ella nos deixa e depois volta, varia de forças, zomba comosco, e mente. Seu nome mesmo é uma implacavel mentira; esperamos mesmo na maior desesperação.

A crise das lagrimas chegou emfim para Mss. Philipps. Até agora disse ella, tenho procurado minha filha, ainda por ella não perguntei a ninguem; e chegando-se para um homem que ia passando.

— Senhor, sabeis dizer-me se achárho uma menina de quatro annos, muito linda, vestida de branco, com um avental verde e chapéu cor de rosa? Sr. eu sou sua mãe, respondi-me pelo amor de Deus.

— Sra., respondeu elle, sabeis me dizer se achárho tres mil guinéos muito novos e muito bonitos? E são meus, perdi-os no jogo; respondi-me pelo amor de Deus.

A pobre mãe julgava fallar com um homem, fallava com um jogador.

Emfim ella achou-se n'um caes, muita gente estava reunida em torno de um homem que lia um prégo; ella confundiu-se com a multidão e ouviu attenta; o homem dizia: — Perdeu-se hoje ás 4 horas da tarde uma menina de 4 annos, que morava em *Euston-Square*...

Mss. Philipps chegou-se até ao interior do circulo.

... Trajava um vestido branco, um avental verde...

A mãe bebia as palavras do homem.

... Avental verde e chapéu branco; excellentes alviças a quem a restituir á sua mãe.

— Ha um erro, Sr., um erro em vosso prégo, a menina tinha um chapéu cor de rosa.

— Olha a ladrona, como se atraçouu, gritão mil vezes n'uma só voz; e maldições e ameaças e pancadas cahera sobre a misera — Dá-nos conta da menina, ladra infame, da menina que roubaste.

— Não fui eu quem a furtei, eu a procuro, sou sua mãe.

— Tu sua mãe, tu amarella como uma criminosa! — Sou sua mãe.

— Tu, com esses cabellos desatados, cobertos de sangue e lama! — Sou sua mãe.

— Tu, miseravel, sua mãe, tu infame, tu ladra? — Serei o que quizerdes, mas sou sua mãe.

— Se és sua mãe, toma, aqui está tua filha; disse uma mulher trazendo nos braços uma criança.

Mss. Philipps precipitou-se e depois recuou — Não, disse, e sa não é minha filha.

— É uma boa mãe, é uma mãe verdadeira, clamárho todos á uma, não é uma ladrona de crianças

A criança havia sido trazida para examinares se Mss. Philipps tinha realmente perdido sua filha, ou se era alguma ladra de officio.

E como a havião insultado, lastimárho-na; como a havião maltratado, abraçárho-na e acompanhárho-na em cortejo até sua casa, prometendo procurar sua filha; e separárho-se reptando pelas ruas « Perdeu-se uma menina chamada Lucy... E as mães, que á estes gritos despertávo espavoridas, abraçávo suas filhas.

(Continúa.)

Histerias no ar.

Quem tiver lido as gazetas francezas recém-chegadas ha de encontrar a seguinte anecdocta.

« Uma das nossas damas elegantes e romanticas, muito rica e viuva ainda moça, para o que lhe havia dar? annunciou ha poucos dias aos seus numerosos pretendentes: que se achava resollida a contrahir segundas nupcias. Esta declaração fez a nossa viuva no circo de *Lepage*, lugar onde ella apparece diariamente vestida de homem para o exercicio de atirar ao alvo á pistola: deu-lhe para ali. Como é de presumir, os pretendentes que ouvirão a suspirada resolução de sua dama logo se apinhárho em torno della para implorar a preferéncia; porém, cobardes, que só aspirávo o ouro, esfiárho do seu interesseiro ardor quando a jovem viuva lhes manifestou — que só daria a sua mão de esposa áquelle que consentisse em ter o seu relógio pendurado na ponta dos dedos, a trinta passos de distancia, para lhe servir de alvo, que ella promettia esmigalhar-o ao primeiro tiro de pistola que disparasse. Não erão elles tão tolos que accettassem semelhante proposta. Entre elles porém um havia que não esperulava, como está em moda, mas amava verdadeiramente a viuva; era intrepido ou o amor lhe emprestava a coragem, e poi: foi o unico que consentiu em admittir tão perigosa clausula. Collocou-se com effeito a trinta passos, apresentou o seu relógio pendurado nos dedos, e esperou o tiro. O relógio foi esmigalhado em mil pedaços ao primeiro tiro e a viuva cumpriu a sua palavra casando com o intrepido pretendente.

Hoje não é conhecida em *Pariz* esta senhora senão pelo nome de *M.^{me} Guilherme Tell*, do qual não ha quem não saiba a historia do pombo sobre a cabeça do filho que elle foi obrigado a trespassar com uma seta.

E livrem-se lá d'uma destas! Era um dia uma voz, um homem não muito moço, não muito velho, não muito gordo, não muito magro, não muito sério, não muito alegre; todo elle era um não e um

sim; todas as suas qualidades erão um *não muito* e um *não pouco*, e finalmente era solteiro. Morava ao pé de um sujeito, que por acaso tinha um nome que, senão era composto com as mesmas letras, na pronuncia ao menos se podia confundir com o do seu visinho.

Uma noite chega-se saracuteando uma velha, acompanhada de uma tafula de saia de crina, á porta da casa do tal visinho, e pergunta muito lampeira ao criado que estava em baixo— É aqui a casa do Sr. L...? O criado que sabia, que seu amo também chamava-se L..., respondeu-lhe o sim-senhora do costume. A moça e a velha entrarão, subirão e dirigirão-se em continenti á sala de jantar.

— Oh! também você está aqui! Olhem como está a seu gosto! Parece uma dona de casa... Ora o tal Sr. L... é bem marióla, é bem insolente ultrajando-nos por esta maneira... Pois fique-se você, Sra. remellosa, que nós não voltaremos cá outra vez: — Isto dizia a velha com o nariz arrebitado e um fociinho tão retorcido quantas são as rugas que lhe compõe desapidadamente a cara, ao mesmo tempo que a Sra. que estava assentada, surprehendida de tão insolito e inesperado comprimento, deixa cahir das mãos o livro que lia e mal pôde a muito custo perguntar — mas as Sras, o que pretendião? — Ainda nos pergunta o que queremos!... Você não tem culpa, havemos de nos entender com o tal Sr. L... que foi quem nos convidou a cá vir; é com esse sujeito que hão de ser as contas — E forão-se as duas logradas, bramando contra o homem e capazes de devoral-o de uma só dentada.

Ora agora saibão do Sr. L... os apuros em que se viu, quando chegou á casa, para responder ás perguntas que lhe fazia sua esposa cheia de dôr e dignidade, ao mesmo tempo que elle atralhado e innocente, não sabia defender-se sem atinar tão pouco com a verdadeira causa de tal desgosto! E diga-se que a Sra. não tinha razão, diga-se que o marido não era innocente... E livrem-se lá d'uma d'estas!

Depois de algumas horas de calma, a judiciosa Sra. foi a mesma que se lembrou, que a visita devia ser para o visinho, e com effeito assim foi.

Mas o marido, prudente e discreto, mudou de casa, tendo a cautella de indagar primeiro, se algum dos visinhos da sua nova habitação teria algum nome parecido com o seu.

E o outro Sr. L...?

Papoula.



Ao retirar-se do Rio de Janeiro o Sr. Tornaghi, de junto de nós o antigo professor de musica, tão amestrado em sua arte, tão prudente, tão delicado e urbano para com todas as suas discipulas, render-

lhe este pequeno signal de gratidão pouco é aos cuidados que soube applicar em favor do nosso aperfeiçãoamento na musica de piano e canto. Nossos corações agradecidos mais lhe desejão: que o Sr. Tornaghi chegue ao seu destino felizmente, que o Céu véle na sua prosperidade, na de sua querida familia, e que um venturoso porvir engraldae a sua presada existencia. Eis o que pedem a Deus.

As duas irmãs
M. e F.

De novo abre-se um dos dous theatros no domingo do Espirito-Santo para novos bailes de mascarar que terão logar por tres noites consecutivas.

ADVINHAÇÕES.

Uma mãe teve uma filha,
E essa filha não nasceu;
Essa filha não tem mãe,
E essa mãe não morreu.

Vivem juntas, bem que ausentes,
Ambas têm a mesma idade,
Mas a filha envelheceu
E a mãe stá na mocidade.

No verão a mãe tem frio,
O inverno a filha abraza,
Mas a filha quasi gello
Faz a mãe ficar em brasa.

Comem só quando têm sede,
Bebem só quando têm fome,
Uma é d'um pollo; outra d'outro
E ambas têm o mesmo nome.

Quando uma ri-se, outra chora,
Quando uma dorme, outra vela;
Sem ter filha, a filha é mãe,
A mãe que a têm é donzella.

Nascirão ambas n'um dia
E por nova maravilha
Deve a filha o ser á mãe,
A mãe deve o ser á filha.

A. J. dos Santos Neves.

Sou senhora e não soberba
De espiritos elevados,
Que a muitos homens de bem
Tenho feito desgraçados.

Advinhação do numero antecedente: — PEÇA D'ARTILHARIA. —

Uma gravura com figurinos de baile acompanhão a este n. 19.